

Esperanza na fronteira: construção identitária dos sujeitos chicanos em “The House on Mango Street”, de Sandra Cisneros

Esperanza in the borderlands: the identity construction of the female subjects in “The House on Mango Street”, by Sandra Cisneros

425

Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves*
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Renata Rezende Menezes*
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

RESUMO: O presente artigo objetiva investigar a construção identitária da protagonista Esperanza e dos sujeitos femininos na narrativa “The House on Mango Street” (1984), de Sandra Cisneros, sob uma perspectiva fronteiriça, a fim de ratificar a existência do caráter híbrido dessas identidades culturais na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito feminino. Identidade. Fronteira.

ABSTRACT: The present article aims to investigate the identity construction of the protagonist and other female subjects in the narrative “The House on Mango Street” (1984), by Sandra Cisneros, from a border perspective, to certificate the existence of the hybrid character of these cultural identities in the contemporary era.

KEYWORDS: Female subject. Identity. Borderlands.

* Doutora em Letras pela University of Texas System (UTS).

* Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Introdução

A cultura chicana floresceu com *El Movimiento*, na década de 1960, representando a luta dos chicanos pela sua autoafirmação na sociedade estadunidense dominante. Inicialmente, o termo chicano apresentava uma conotação pejorativa, usada para se referir aos mexicanos pobres. A designação de “chicano” foi reformulada, então, a partir dessa década, para representar a especificidade e as várias formas de resistência desse povo à assimilação na cultura anglo-estadunidense. “Chicano” passou a compreender a história de discriminação enfrentada pelos mexicanos nos EUA, funcionando como reafirmação específica de todos aqueles que reivindicam o direito de uma identidade híbrida, a qual se recusa a pertencer a um único sistema cultural.

Por sua vez, a literatura chicana pode ser considerada um reflexo da luta iniciada nos anos de 1960, uma vez que se fundamenta no direito de uma expressão cultural própria através da forma e do conteúdo de suas obras. É importante ressaltar que, de início, as vozes que se exprimiam eram predominantemente masculinas e que somente a partir da década de 1980, ocorreu uma eclosão da literatura chicana feminina, tal como atualmente é concebida, expressando os problemas das chicanas em seus contextos específicos, independentemente dos cânones chicanos masculinos ou do feminismo anglo-estadunidense.

A partir do interesse em pesquisar os trabalhos das autoras chicanas, a obra *The House on Mango Street* (1984), de Sandra Cisneros, foi eleita para este trabalho, por meio da qual o presente artigo objetivará investigar a construção identitária feminina da protagonista Esperanza e dos sujeitos femininos da narrativa sob uma perspectiva fronteiriça.

Além disso, a narrativa também foi escolhida pelo fato de Cisneros fazer parte do quadro de escritoras chicanas contemporâneas que desconstruem as crenças assentadas em dicotomias fixas e apontam para o hibridismo e a identidade multifacetada como forma de viver na sociedade cada vez mais pluralista e multicultural na contemporaneidade, contribuindo ativamente para a redescoberta identitária da mulher chicana.

The House on Mango Street (1984) foi um dos seus trabalhos pioneiros, vencedor do prêmio *Before Columbus Foundation's American Book Award*, em 1985. A história nasceu do desejo da autora de possibilitar, de forma engajada, que sua escrita tocasse as vidas das pessoas e trouxesse esperança, principalmente para as mulheres que passavam por grandes problemas, devido à sua condição de classe, raça e gênero na sociedade. Por meio de uma reunião de pequenas histórias que refletem o mundo conhecido e vivenciado pela escritora, ela dá voz a esses indivíduos mexicano-americanos marginalizados pela sociedade dominante, no caso, a estadunidense.

Sandra Cisneros faz parte de um grupo de escritoras chicanas extremamente conscientes da situação de seu povo, de assuntos relacionados à identidade cultural, sexualidade, gênero, bilinguismo, luta de classes e especialmente da condição da mulher chicana na sociedade e da existência cada vez mais premente dessa identidade fragmentada na contemporaneidade.

Um breve histórico do povo chicano

Ao discorrer sobre o sudoeste dos Estados Unidos, Sonia Torres (2001) relata que esse território, atualmente considerado parte desse país, foi inicialmente ocupado por hispânicos e pertencia originalmente ao México, após a independência do mesmo em 1821. A guerra mexicano-americana, ocorrida no

século XIX (1846), teve origem político-econômica, apresentando como causa a busca pelo domínio de território pelos Estados Unidos, tanto a oeste como em direção ao sul, ou seja, as terras que pertenciam ao território mexicano.

Como resultado dessa guerra, ficou firmado então, pelo Tratado de Guadalupe-Hidalgo (1848), um acordo em que teoricamente, ao conquistarem as terras que hoje fazem parte do sudoeste dos Estados Unidos, os americanos garantiriam aos povos mexicanos a cidadania e proteção a essas terras originalmente pertencentes a esses povos hispânicos.

Segundo García Argüelles (2010), esse Tratado, que significou a perda do território nacional dos mexicanos para os Estados Unidos, representou a divisão dos mexicanos entre os dois lados da fronteira estabelecida geográfica e politicamente entre esses dois países, e também uma “nova” definição da identidade desses cidadãos que permaneceram no território, o qual passou a ser americano de um dia para o outro. Desse modo, a partir dos meados do século XIX, os mexicanos, após a perda de parte do seu território para os Estados Unidos, foram relegados a um discurso marginal dentro da sociedade.

Com o Tratado Guadalupe- Hidalgo (1848), Torres (2001) ressalta que o território correspondente ao Novo México, Arizona, Califórnia, Nevada, Utah, metade do Colorado e parte do Texas, de um dia para o outro, se tornou geográfica e culturalmente estadunidense. Dessa forma, os mexicanos, apesar de considerados “cidadãos americanos”, passaram a ser colonizados internamente, dentro do que antes era considerado seu próprio país.

Em razão da luta travada desde o Tratado de 1848, os mexicanos americanos tiveram que ir traçando e buscando, ao longo do tempo, um senso de comunidade e identidade como nenhum outro grupo latino o fez, tornando-se conhecidos tradicionalmente pelas batalhas a favor dos seus direitos civis. Desse modo, os mexicanos americanos e os próprios latinos colheram os frutos

desses ideais das gerações chicanas prévias, ao conquistarem direitos de igualdade de acesso a muitas instituições nos Estados Unidos.

Por conseguinte, todo o duro esforço dos anos sessenta, conhecido como um período de lutas e grande ebulição cultural desse povo, com o objetivo de conquistar seus direitos, resultou em uma evolução progressiva dos estudos chicanos e em um ativismo que deu voz a essa comunidade, inclusive às mulheres de origem mexicana.

A identidade cultural dos chicanos(as) é marcada pelos constantes deslocamentos decorrentes das suas imigrações e da situação econômica e política que lhes foi imposta. Esses sujeitos representam, assim, uma identidade deslocada e subalterna dentro da sociedade estadunidense dominante. Eles tentam a todo custo recuperar sua voz e espaço nessa comunidade marcada pela diversidade cultural.

Isso ocorre, segundo Argüelles (2010), com todos os sujeitos subalternos dessa sociedade, como o sujeito feminino chicano, por exemplo, duplamente colonizado, tanto pela sua condição política como de gênero: “Determinadas em expressar sua condição de colonizadas ou de terceiro-mundistas perante a cultura dominante, as chicanas insistem em se autodenominar e se autodeterminar em suas obras criativas e críticas” (GARCÍA ARGÜELLES, 2010, p. 20) (Tradução minha).^{1,2}

A literatura chicana e o sujeito feminino chicano

¹ No original: “Determinadas em expresar su condición de colonizadas o de tercer-mundistas ante la cultura dominante, las chicanas insisten em autodeterminarse em sus obras creativas y críticas”.

² Todas as traduções neste artigo são de minha autoria.

Em “Occupied America: A History of Chicanos” (2014), Rodolfo Acuña afirma que o termo *chicano* apresenta um significado político que se refere à realidade que circunda esses povos. Conforme já relatado, esse termo foi originalmente considerado pejorativo, referindo-se a todos os mexicanos ou pessoas com descendência mexicana vivendo nos Estados Unidos da América; os pobres, não letrados, os muitos que viviam na fronteira entre o México e os Estados Unidos, em barracos e que, por isso, se tornaram “algo diferente e menor” (p. 10); os “chicos”, depois “chicanos”.

Segundo o autor, os chicanos não devem ser denominados *hispanicos*, porque esse é um termo geral, que privilegia mais os conquistadores europeus do que o povo raiz da América e suas características indígenas. Do mesmo modo, a palavra *latino*, apesar de incluir os *chicanos* e valorizar mais suas raízes indígenas, também engloba outros grupos como os sulamericanos e os da América Central. Assim, para os que relutam em aceitar o nome *chicano*, a denominação *mexicano-americano* seria a mais plausível, “politicamente correta”, permanecendo entre a *chicana* e a *hispanica*: pessoas que nasceram nos Estados Unidos, mas que apresentam descendência mexicana.

Apesar disso, a denominação “chicana” sofreu, nos anos 60, uma subversão em nome da luta travada por esse povo em busca de reconhecimento. Essa década foi, portanto, como também mencionado anteriormente, um período de grande ebulição social e política que se configurou pela luta dos chicanos em se opor à assimilação da cultura estadunidense dominante e reafirmar seu compromisso sociopolítico com sua comunidade.

A consciência chicana primava por reconstruir uma identidade nacional própria desse povo, pautada em uma organização econômica e sociopolítica comuns a eles. Nessa década, os chicanos estavam conscientes da sua cultura que, embora heterogênea, pertencia a todos eles; da sua língua, representada pelo *spanGLISH* e o *tex-mex*, e do seu território original, no sudoeste dos Estados

Unidos. A palavra de ordem “Viva *la Raza*” também emergiu como exaltação nesse momento de forte efervescência política, caracterizando o *Movimiento*, ou seja, a luta dos chicanos pela sua autoafirmação na sociedade estadunidense dominante.

Atualmente, Argüelles (2010) destaca que as tentativas de se determinar um termo para definir a comunidade de origem mexicana nos Estados Unidos giram em torno das ideias que possam abarcar o sentido de uma comunidade diversa e dinâmica, que deve refletir a diversidade desses povos nos diferentes estados americanos, estando perto ou longe da fronteira física entre o México e os Estados Unidos. “O termo mexicano-americano remete à formação bicultural e bilíngue dessa comunidade e talvez seja mais ampla e aceita, antes e depois do Movimento Chicano” (García Argüelles, 2010, p. 22).³

Torres (2001) argumenta que a literatura produzida pelos mexicanos-americanos já existia desde o século XIX e que passou ao status de literatura emergente no século XX, a partir da conscientização dos escritores espanhóis sobre o desaparecimento de sua cultura no cenário americano. A escrita em espanhol representava para eles uma forma de resistência ao “new way of life” (novo modo de vida) dos americanos (p. 21). A inserção de uma literatura emergente encontrou resistência dentro do ideal de nação estadunidense, justamente porque foi de encontro à homogeneidade pregada pela cultura nacional dominante.

Nos anos 70, segundo Torres (2001), houve uma emergência dos acadêmicos chicanos voltados para narrativas contra-hegemônicas e etnográficas, produzindo como resultado um corpus crítico teórico próprio. Essa emergência foi concomitante aos estudos culturais, que tiveram como destaques na Inglaterra, Stuart Hall e Raymond Williams, dentre outros, estudiosos

³ No original: “El gentilicio mexicanoamericano remite a la formación bicultural y bilingüe de esta comunidad y quizá sea la más extendida y aceptada, antes y después del Movimiento Chicano”.

provenientes de classes operárias, que trouxeram a cultura popular para a área acadêmica.

A partir dos anos 80, a produção literária chicana passou a obter uma certa autonomia, nas palavras de García Argüelles (2010), enraizada nos discursos que predominaram desde os anos 60, os quais auxiliaram na consolidação da cultura e literatura chicana. Essa relativa autonomia foi responsável pela posterior afirmação da experiência bicultural desses povos nos Estados Unidos. Apesar de terem se apropriado de símbolos e objetos homogêneos baseados em uma visão essencializadora, esse fato contribuiu para construir e consolidar um imaginário cultural chicano, baseado na unidade e afirmação da cultura chicana. Contudo, essa homogeneização da cultura chicana, proveniente desde os anos sessenta, acabou deixando de fora a perspectiva feminina: “O conceito de “La raza” [...] generaliza as mulheres e masculiniza os coletivos culturais” (GARCÍA ARGÜELLES, 2010, p. 25).⁴

E é nesse sentido que a literatura chicana feminina (surgida nos anos setenta), passou a trabalhar; com o objetivo de dar voz ao sujeito feminino, duplamente oprimido, pela sua cultura e pela cultura dominante. O desejo de romper com essa visão homogênea é uma forma de resistência encontrada pelas escritoras chicanas e um meio de denunciar sua exclusão no discurso cultural dominante da sociedade. García Argüelles (2010) também afirma que a literatura mexicano-americana apresenta um forte cunho de testemunho, caracterizada por livros de memórias e autobiografias.

A década de oitenta foi marcada então pela passagem de uma produção artístico-literária centrada na literatura do *Movimiento*, o qual apresentava um caráter nacionalista, para uma literatura com uma visão mais fresca e descentralizada, firmada na desconstrução de uma visão totalizadora da cultura

⁴ No original: “El concepto La raza [...] generaliza a las mujeres y masculiniza los colectivos culturales”.

e identidades chicanas e aberta a novas formas de representação (diferenças regionais, de gênero e orientação sexual), que passaram a incluir as mulheres, por exemplo. Ou seja, uma nova compreensão do arranjo político contemporâneo.

As obras literárias dos escritores (as) chicanos (as) são perpassadas pelas questões de classe, raça e gênero. De acordo com García Argüelles (2010), esses fatores são responsáveis por construírem estratégias que legitimizam subliminarmente discursos de autorrepresentação e reconstrução dessas identidades marginais. Muitas vezes, as imagens romantizadas e idealizadas da cultura chicana geram questionamentos acerca da fixidez de modelos; assim, tem havido uma diversificação dessas imagens no sentido de refletir o caráter dinâmico dessas identidades em constante deslocamento. Torna-se relevante ponderarmos que a literatura chicana feminina, ao enfatizar a subjetividade feminina nas diversas relações da mulher na sociedade, incluindo a família, a sexualidade e a liberdade, não foi fácil de se firmar, sendo, pois, construída por meio de lutas políticas e da tentativa de autoafirmação dentro do território estadunidense.

As escritoras chicanas trabalham em prol da representação do sujeito feminino do terceiro mundo, que apesar de sofrer uma inegável influência do feminismo do primeiro mundo e de muitas das vezes compartilharem o mesmo território, apresentam demandas diferentes das feministas do primeiro mundo. Desse modo, essas escritoras partem desse lugar de representação e diferenciação do sujeito feminino chicano, na tentativa de sua afirmação na sociedade estadunidense dominante.

Ao se referir às narrativas literárias chicanas, García Argüelles (2010) reafirma que, como resultado do processo migratório, longe de representarem figuras estereotipadas, elas, ao contrário, desempenham o papel de resignificar as imagens e representações culturais da cultura mexico-estadunidense em uma

reconstrução constante e dinâmica, com o intuito de fazer com que essa cultura heterogênea seja incluída em um espaço de conhecimento ao mesmo tempo estético e ético. As narrativas passam a ser, então, instrumentos que possibilitam a (re)criação de identidades, tendo como pano de fundo um rico repertório cultural, histórico-político e testemunhal, a fim de construir sua autoafirmação frente à cultura dominante.

Fronteira

Os chicanos ocupam uma posição ambígua, de não se sentirem nem pertencentes ao território estadunidense nem ao mexicano. Várias cidades dos Estados Unidos são consideradas fronteiriças, uma vez que mesmo não estando na fronteira física, podemos observar nelas, de forma explícita, o grande número de descendentes de mexicanos, algumas vezes mais que anglo-americanos; como Houston, Los Angeles, Albuquerque, Santa Fé, Austin, entre outras. Podemos observar que as culturas híbridas e a fronteira vêm sendo concebidas muito mais como um espaço social, dividindo o México e os Estados Unidos, que um espaço físico propriamente dito.

Linda McDowell (1999) aponta a pertinência de se repensar a concepção de lugar na era contemporânea, não mais como algo fixo e estável, mas relacionado ao fluxo e à fluidez, à constante construção e reconstrução das identidades desestabilizadas pelo trânsito ininterrupto de pessoas, resultante do processo de globalização. Essa visão desestabilizadora das identidades deve enfatizar especialmente as subjetividades femininas migrantes, as quais apresentam em sua construção identitária a intersecção dos “diversos lugares” que habitam.

Dessa forma, a “nostalgia imperialista” promovida pelos Estados Unidos, segundo Renato Rosaldo (1989 apud Torres, 2001), definida como “o esforço

para manter as culturas Outras hermeticamente estanques, e distantes.” (Rosaldo 1989 apud TORRES, 2001, p. 31) é minada pela implosão do terceiro mundo nessa metrópole, contrastando lado a lado objetos culturais diversos, que convivem de forma desordenada, no sentido de desconstruir essa ideologia fechada. Torres (2001) sustenta que “para Rosaldo, no mundo contemporâneo, as “fronteiras abertas” são cada vez mais evidentes, e as “culturas nativas” não habitam um mundo separado” (TORRES, 2001, p. 31). A visão da fronteira é ressaltada e celebrada por diversos autores como um espaço caracterizado pela constante mobilidade, polifonia e hibridez de travessias tanto internas quanto externas.

O termo fronteira é utilizado para expressar o entre-lugar⁵ ocupado pelos povos mexicanos-americanos, os quais nos interessa no presente trabalho, tanto física como metaforicamente. É importante enfatizar que esse sentido de lugar fronteiriço é compartilhado não somente por aqueles que residem na fronteira física, nos 4200 km compartilhados com o México, mas por todos esses povos considerados descendentes de mexicanos.

Na atualidade, coloca-se a questão do afloramento de uma nova temporalidade representada pelo mundo globalizado, no qual ocorrem o apagamento das fronteiras e as “questões identitárias” se mostram cada vez mais em evidência, ratificadas crescentemente pelas identidades híbridas que transitam como uma terceira instância em um ir e vir contínuo. Hanciau (2005) também sustenta que a porosidade e flexibilidade das fronteiras é o que as faz ao mesmo tempo reais e imaginárias, difíceis de serem apreendidas, levando ao pensamento de que são um lugar inacabado, em constante reconstrução, de onde decorre “a

⁵ Segundo Núbia Hanciau (2005), o termo entre-lugar mostra-se bem pertinente para representar as “zonas” onde ocorrem as descentralizações resultantes da existência de culturas heterogêneas, desmistificando, dessa forma, a ideia de pureza e autenticidade de um único povo como referência; definido por ela como: “Uma terceira margem, um caminho do meio, consiste nesses procedimentos de deslocamento, de nomadismo, em que o projeto identitário possa nascer da tensão entre o apelo do enraizamento e a tentação da errância. [...] Anulando fronteiras tradicionais, unem-se, assim, conceitos que se excluem mutuamente, com o objetivo de produzir novos sentidos (p. 129).

complexidade deste estado/espço e desta temporalidade” (Hanciau, 2005, p. 133).

Apesar de não ser possível negar a importância histórica das concepções de nacionalismo, nacionalidade e estado-nação, uma vez que, de acordo com o proposto por Benedict Anderson (2008), a nação representa uma comunidade imaginada na qual os membros estão ligados entre si de maneira fraternal e por isso, a mesma passa então a se distinguir das outras, Mary Louise Pratt (1993) propõe um novo olhar, no qual os vínculos sociais vão se estabelecendo “no contato” e “ pelo contato” de suas diferenças e características próprias⁶.

Em *Borderlands/La frontera: the new mestiza* (1987), Glória Anzaldúa retorna ao sul do México e à sua comunidade, recontando sua história sob uma perspectiva feminista e homossexual, lançando mão de um idioma mestiço, a fim de ratificar o grupo étnico ao qual pertence, em um gênero que também pode ser considerado uma mestiçagem de autobiografia, poema, testemunho, lendas, teoria e outros. Torres (2001) declara que a obra de Anzaldúa pode ser considerada um exemplo de como a fronteira é tematizada sob ângulos diversos (históricos, geográficos, políticos, ...), no sentido também de uma metáfora para o constante tangenciamento do primeiro e Terceiro Mundo na era contemporânea.

Retornando à perspectiva das “zonas de contato” (PRATT, 1993, p. 14), as culturas étnicas, como a chicana, são colocadas como “faixas fronteiriças”

⁶ A escritora cunha o termo “zona de contato” (p. 12): “Sob uma perspectiva de contato, um fenômeno como a segregação, por exemplo, consistiria não simplesmente na separação ou isolamento mútua, como vem sendo definido pela própria segregação, mas como uma forma de ajuntamento que assume a co-presença social e historicamente estruturada de grupos dentro de um espaço-uma zona de contato. A partir dessa perspectiva, a `invisibilidade` de grupos colonizados e subalternos na consciência de um grupo dominante não seria entendida como tal, ou seja, invisibilidade (*B* não existe para *A*), mas como uma forma de co-presença (*B* aparece para *A* na forma da negação da presença de *B*; *B* só pode ser ‘ não visto ’ se já estiver presente e se sua presença já for algo sabido). Invisibilidade é a presença do subalterno para o grupo dominante” (PRATT, 1993, p. 13).

permeáveis e flexíveis, de onde emergem relações interativas e reinventadas, configurando arranjos que não se pautam em uma identidade ou comunidade específica. Para a autora, essa proposta mestiça, proveniente de Anzaldúa, não objetiva legitimar o discurso das minorias para obterem assimilação na cultura dominante, mas um “engajamento”, uma “ótica relacional” com outros ocupantes das zonas de contato, a fim de construir e reivindicarem um espaço cultural distinto. McDowell (1999) também ratifica essa concepção da “consciência mestiça” (“mestiza consciouness”) de Anzaldúa, pautada em um pensamento não dicotômico, “de e na fronteira”, resultante do cruzamento concomitante de várias culturas que se acordam nessa consciência de se habitar os dois lados (mexicano e americano) ao mesmo tempo.

Construção identitária da protagonista Esperanza e dos sujeitos femininos

The House on Mango Street (1984) é uma narrativa composta por quarenta e quatro capítulos curtos denominados vinhetas, construída a partir dos relatos das experiências da narradora-protagonista Esperanza, em uma rua de um gueto hispânico de Chicago, na qual ela narra suas vivências e as de sua família. Tanto Esperanza como seus vizinhos representam as identidades mexicano-estadunidenses que vivem entre dois países, duas culturas e duas línguas, enfrentando a constante travessia de um universo ao outro e buscando uma identificação pelas diferenças do que é ser hispânico e o que é ser estadunidense.

Essas identidades, por meio de suas experiências, exteriorizam o que é viver em um entre-lugar, ou seja, um lugar de fronteira, onde são produzidas as articulações das diferenças culturais. Aqui podemos ir ao encontro da assertiva de Stuart Hall (2003) sobre a multiplicidade das identidades diaspóricas e o caráter híbrido delas, assim como nos remeter a Núbia Hanciau (2005), quando discorre, conforme discutido anteriormente, sobre a nova temporalidade

aflorada pelo mundo globalizado, onde as questões identitárias e o apagamento das fronteiras se tornam cada vez mais evidentes, resultando em um trânsito contínuo das identidades híbridas.

Partindo de um ponto de vista que vai desde a sua infância e se estende ao seu desenvolvimento, Esperanza registra o testemunho do que está ao seu redor e sua transformação psicológica, ao longo da narrativa. A história não apresenta uma cronologia explícita, sendo que cada uma das vinhetas relata passagens da vida da própria narradora e dos moradores de sua rua, indicando um período entre o final de sua infância e o início de sua adolescência.

O tema-chave do romance constitui a experiência da jovem chicana de experimentar a formação de uma identidade em deslocamento contínuo, buscando sua autoafirmação em face a um contexto social marcado por relações de subordinação e dominação patriarcal. Essa construção identitária da personagem nos leva a constatar a concepção da identidade postulada por Hall (2001) como o sujeito, previamente vivido como identidade estável, tornando-se cada vez mais fragmentado, composto de várias identidades não resolvidas e do mesmo modo, confirmar as assertivas do teórico (2003) sobre as identidades na atualidade como “situações”, não essencializadas, mas resultantes de uma costura de posição e contexto.

Na narrativa, o desejo da narradora de possuir uma casa de verdade significa a possibilidade de construção de uma identidade fora de um lugar que representa a opressão da condição feminina. Em uma das vinhetas, a protagonista explicita o desejo de ter, nessa casa que imagina, livros que ela própria irá escrever como uma forma de se libertar da opressão e da passividade que cercam as mulheres chicanas desde sua infância.

Considerado um romance “coming of age”, ou seja, da maioridade, essa obra reflete o desejo da protagonista Esperanza de idealizar uma casa e sua

busca pela identidade do seu povo por meio da escrita de suas histórias. Logo no início da narrativa, Esperanza relata que a família tem a característica de se mudar constantemente e expressa sua insatisfação com esse fato e com a atual casa na Rua Mango em Chicago, que apesar de ser própria, a garota não se identifica com a morada. A protagonista revela seu sonho de possuir uma casa que possa chamar de sua, ou seja, sem dificuldades espaciais e de convivência, que tenha as características do que ela considera um lar, como o conforto e privacidade. Ela também evidencia a vergonha dos lugares em que já habitou com a família e o mesmo discurso promissor dos pais de um dia conseguirem adquirir uma boa casa para eles.

A falta de pertencimento já é enfatizada bem ali naquele espaço e no bairro onde a garota vive. Ao se referir às amigadas ao seu redor, a personagem lamenta não possuir um amigo (a) de verdade pelo fato das constantes mudanças a que ela e seus vizinhos são obrigados a se submeterem na vã esperança de melhores condições de vida. Nesse ponto, fica evidenciada a referência de Sérgio Luiz Bellei (1998) a Homi Bhabha (1998), ao mencionar o sujeito diaspórico não como um “ser de fronteira”, e sim um “(não) ser na fronteira”, que sem a opção do lá nem cá, se vê obrigado a optar por uma vida em constante viagem, na ponte construída pela sociedade global, onde ocorre o encontro dos vários grupos.

Carole Davis Boyce (1994), ao dissertar sobre as mulheres negras e as afrodescendentes, afirma que na atualidade, a concepção de identidade atrelada a lugar é limitadora, uma vez que não é capaz de abarcar a complexidade identitária e a escrita resultantes das variadas experiências vivenciadas por essas mulheres. Apesar de sua narrativa de migração se situar em torno das mulheres africanas e suas descendentes, aqui nos parece viável “emprestar” algumas de suas pontuações, que também se adequam de uma forma geral às chicanas, que como mulheres de cor, apresentam circunstâncias diaspóricas similares às negras no sentido de constituírem, acima de tudo, subjetividades

migrantes. A autora reafirma que “é a convergência dos múltiplos locais e culturas que renegocia os termos da experiência das mulheres negras e que por sua vez, negocia e re-negocia suas identidades” (BOYCE, 1994, p. 02). Essas subjetividades migrantes, nas quais se incluem as chicanas, não se caracterizam necessariamente por terem se deslocado de um local para o outro, mas sim que sua identidade não está enraizada em um único lugar ou cultura; o processo de construção e reconstrução dessas identidades reflete as variadas “localizações” em que elas estão inseridas.

Gloria Anzaldúa (1999) destaca que os chicanos se encontram em uma espécie de *borderland*, ou seja, em um espaço fronteiro entre sua terra natal e os Estados Unidos, um espaço que simboliza relações culturais díspares. Ratifica-se aqui, da mesma forma, a questão da fronteira apontada por Bhabha (1998) como o ponto deslizante de onde emerge o discurso híbrido; um estar além, nem em um novo lugar nem um abandono do passado, algo sempre em trânsito e também podemos evidenciar a concepção de lugar mais como a possibilidade de um espaço fluido e em constante fluxo de (re)construção das identidades em trânsito (McDowell, 1999).

De forma analógica à sua identidade mexicana-americana, Esperanza retrata a duplicidade de significados do seu nome em inglês e espanhol; mencionando positivamente sua tradução “Esperança” em inglês, bem clara e objetiva, e suas muitas letras em espanhol, expressando o sentimento negativo da tristeza e de tudo a que ele remete sobre sua origem, como por exemplo, a herança do nome da sua avó. Apesar de ter sido uma mulher forte, a protagonista conta que a avó foi obrigada pelo machismo da família a se casar e a se submeter a um marido que não a deixou ser livre: “Eu fico imaginando se ela fez o melhor que pôde com o que tinha ou se lamentava por não ter sido tudo que ela desejou ser. Esperanza. Eu herdei seu nome, mas eu não desejo herdar seu nome debruçado na janela” (CISNEROS, 1991,

p. 11).⁷ Esperanza deixa claro, então, o desejo de mudar seu nome; de subverter; uma vez que ela não almeja o mesmo destino das mulheres submissas de sua cultura de origem.

Apesar de descrever alguns traços físicos em comum com a família, desde cedo, por meio da perspicácia de seus pensamentos e ações, fica claro que a construção identitária de Esperanza vai se delineando de forma diferente da de seus familiares, principalmente em relação à sua figura materna, que representa fielmente o que é esperado da mulher pela cultura chicana. Oliveira (2015) afirma que, culturalmente, as mulheres foram instruídas a acatar os desígnios impostos pelas demandas da família e sociedade, sendo que “O trinômio - casamento, gravidez e maternidade - foi e ainda é visto, na maioria das culturas, como destino de todas as mulheres, tornando-se uma norma, um padrão social e constructo das identidades desses sujeitos” (OLIVEIRA, 2015, p. 99). Esse mesmo autor também enfatiza que podemos observar esse ideal da maternidade ainda mais enraizado em culturas como a chicana, que apresentam uma visão essencialista da mulher como procriadora.

Não só no bairro e na rua da grande cidade estadunidense onde mora, mas também na escola que frequenta, o desejo de pertencimento é fortemente evidenciado por Esperanza. Em outra vinheta, a garota insiste com a mãe em pedir permissão para merendar na cantina da escola com os demais alunos que o fazem normalmente. Após lutar contra a resistência materna e da direção da instituição, ela é liberada um único dia para lanchar seu sanduíche de arroz na cantina e se frustra, ao constatar que ali também ela não se encaixava; não era um lugar com o qual se identificava.

⁷ No original: “I wonder if she made the best with what she got or was she sorry because she couldn't be all the things she wanted to be. Esperanza. I have inherited her name, but I don't want to inherit her name by the window” (p. 11).

Ao longo da obra, de modo paralelo ao seu desabrochar, Esperanza também vai retratando as experiências das diferentes identidades femininas ao seu redor. As dificuldades enfrentadas pelas mulheres mexicanas-americanas que moram na rua Mango na história refletem as condições dos mexicanos migrantes ou dos seus descendentes chicanos, os quais, por razões socioeconômicas, tiveram que abandonar seu país de origem para tentar a vida nos Estados Unidos, onde vivem sob condições de opressão e preconceito, experienciando um sentimento de não lugar e tendo, na maioria das vezes, que se mudar constantemente.

Muitas dessas figuras femininas representam os sujeitos diaspóricos, deslocados de sua cultura de origem, mas com a falsa esperança de um “retorno redentor”, que não mais acontecerá. Oprimidas pelo próprio machismo chicano, elas vivem trancafiadas dentro de casa, na espera de que o namorado ou o marido que trabalha no território estadunidense ou que retornou ao México temporariamente, vá buscá-las para “resolverem” sua vida.

Apesar de carregarem os traços das culturas, linguagens e tradições particulares pelas quais foram marcadas, as identidades diaspóricas, segundo Hall (2001), nunca retornarão a uma unificação de origem, uma vez que são produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencendo a uma e a várias casas ao mesmo tempo. Boyce (1994) discorre sobre o sentido de “casa” (“home”); compreendido como múltiplas moradas, localizações, ao se remeter às mulheres de cor, que assim como as chicanas, habitam nas borderlands (fronteira), em mais de um lugar, ou seja, mais de uma cultura ao mesmo tempo, remapeando suas fronteiras, resistindo a uma identidade específica e se reconectando constantemente.

Algumas personagens da narrativa foram abandonadas com os filhos pelos maridos, os quais nunca mais retornaram, como nas passagens em que

Esperanza conta sobre Rosa Vargas, a vizinha que possui grande quantidade de crianças , “que está cansada de trocar roupas e dar mamar e pajear, e que chora todo dia pelo homem que a abandonou sem ao menos deixar um dólar para o salame ou uma mensagem explicando como isso pôde acontecer” (CISNEROS, 1991, p. 29)⁸; e sobre Minerva, a qual, somente um pouco mais velha que Esperanza, já possui filhos e um marido que também a deixou, pelo qual chora e reza todas as noites.

Rafaela é outra personagem submetida ao machismo do marido, que não permite que ela saia de casa por causa de sua beleza. Seu único passatempo, então, é se debruçar na janela e tomar suco de mamão e coco nas quintas feiras, a propósito, bem sugestivos da nostalgia mexicana; o que ela faz, divagando sobre sua liberdade, à espera de o marido voltar das sessões de jogos com os amigos:

[...] queria que houvesse bebidas mais doces, não amargas como um quarto vazio, mas doce doce como a ilha, como o salão de dança embaixo na rua onde as mulheres muito mais velhas que ela lançam seus olhos verdes facilmente como dados e abrem suas casas com chaves (CISNEROS, 1991, p. 80).⁹

Há ainda o caso da personagem Sally, colega de escola de Esperanza, que é submetida a uma criação rigorosa e fortemente repressiva. Seu pai, por considerá-la muito bonita e por isso mesmo um problema para a família, devido ao machismo e à religião, não permite que ela dance ou saia de casa para ver os amigos. Na perspectiva de Esperanza, essa garota, que gostava de rir, de se maquiar e de fazer amizade, perdeu o brilho com toda a rigidez da família e acabou se transformando em uma outra Sally. A protagonista identifica-se com a tristeza dessa colega, de não desejar voltar para a casa;

⁸ No original: “who is tired all the time from buttoning and bottling and babying, and who cries every day for the man who left without even leaving a dollar for bologna or a note explaining how come”.

⁹ No original: “[...] wishes there were sweeter drinks, not bitter like an empty room, but sweet sweet like the island, like the dance hall down the street where women much older than her throw green eyes easily like dice and open homes with keys”.

de provavelmente querer ter uma casa ampla com escadas para subir para um quarto que fosse só seu.

Mais tarde, Esperanza veio a saber que o pai também maltratava Sally fisicamente de forma frequente, como havia feito com as irmãs dele no passado, até chegar ao ponto de um dia covardemente estuprá-la, a fim de demonstrar seu poder sobre ela.

Cabe aqui uma palavra sobre o machismo chicano, que de acordo com Glória Anzaldúa (1999) transformou-se em uma luta de dominação hierárquica masculina; uma resposta à opressão e humilhação sofrida pelos homens chicanos pela cultura branca, que numa tentativa de apagar suas fraquezas e impotências, as transferem para os chicanos.

Essas questões acabam por desencadear, então, um “falso machismo” dos homens chicanos (ANZALDÚA, 1999, p. 83) especialmente sobre as mulheres de sua raça, com o intuito de depositar nelas todas suas insuficiências masculinas, por meio de opressão, violência e humilhação pelo sexo oposto. Anzaldúa (1999) sublinha a urgência de as mulheres chicanas se unirem contra os elementos machistas chicanos, destacando que é uma luta acima de tudo feminista, visto que ao serem oprimidas, todas as mulheres presentes nelas, e todas as negras e as índias também o são.

Na presente narrativa, também existem mulheres que foram levadas para a rua Mango e sentem um sentimento de saudade sem fim de sua terra natal, como na vinheta em que Esperanza discorre sobre *Mamacita*, “ a grande mãe” do homem que mora do outro lado da rua, o qual economizou dinheiro dos seus dois trabalhos para trazê-la para viver com ele. *Mamacita* não aparece para ninguém, canta seus homesick songs (músicas que expressam a saudade de casa) e se recusa a falar inglês:

Ela senta o dia todo na janela e liga seu programa de rádio espanhol [...]. Lar. Lar. Lar é uma casa em uma foto, uma casa rosa [...]. O homem pinta as paredes do apartamento de rosa, mas não é o mesmo, você sabe. Ela ainda suspira pela sua casa rosa, e então eu acho que ela chora. Eu choraria (CISNEROS, 1991, p. 77).¹⁰

Podemos observar na descrição dessa passagem o estranhamento (unhomeliness) apontado por Bhabha (1998) como um sentimento predominante dos povos e das condições interculturais da sociedade global. De acordo com o teórico, sentir-se estranho deve integrar cada vez mais um movimento de fronteira e uma consequente readaptação ao mundo, e não o contrário, um sentimento angustiante de não se possuir um lar.

Do mesmo modo, ao longo da história, Esperanza relata suas próprias vivências, como seu despertar de mulher e o desejo pelos garotos do bairro e o modo machista em que eles tratam as meninas desde muito jovens, assim como o primeiro emprego, no qual há uma tentativa de abuso sexual contra ela por parte de um colega de trabalho.

445

Ao mesmo tempo, a personagem principal encontra pelo caminho algumas figuras femininas que vislumbram algo a mais no desejo de Esperanza ter sua própria casa e poder exercitar livremente seu dom da escrita, representadas por sua mãe, que, em relação aos estudos, a aconselha a construir uma vida diferente da sua, ou seja, a de continuar aprendendo muito para cuidar de si mesma; Elenita, a cartomante, que faz a leitura da carta tirada por ela como “a home in the heart” (“uma casa em seu coração”) (CISNEROS, 1991, p. 64) e sua falecida tia Lupe, que a estimulava constantemente a continuar escrevendo, a fim de se tornar livre.

¹⁰ No original: “She sits all day by the window and plays the Spanish radio show [...]. Home. Home. Home is a house in a photograph, a pink house[...]. The man paints the walls of the apartment pink, but it’s not the same, you know. She still sighs for her pink house, and then I think she cries. I would”.

Em uma conversa com Alícia, uma garota mexicana que sonha em retornar para o que ela considera seu lar na cidade de Guadalajara, Esperanza exprime sua tristeza em não ter um lugar ao qual pertence:

Você vive bem aqui, Rua Mango, 4006, Alicia diz e aponta para a casa da qual eu me envergonho. Não, esta não é minha casa eu digo e balanço minha cabeça como se balançando eu pudesse desfazer o ano em que vivi aqui. Eu não pertencço. Eu nunca quero vir daqui. Você tem um lar, Alicia, e um dia você irá para uma cidade que você se lembra, mas, eu, eu nunca tive uma casa, nem mesmo uma fotografia... somente uma que eu sonho (CISNEROS, 1991, p. 107).¹¹

Podemos apreender que, por meio de Esperanza e suas reflexões, as condições dos chicanos vão sendo desveladas e reconhecidas em cada passagem; a propósito, naquela em que a personagem reflete sobre como o céu representa um lugar seguro contra a tristeza, destacando que ali no bairro habitado por ela e seus companheiros o que havia era muita tristeza e pouco céu. Essa descrição pode ser traduzida como a insegurança da verdadeira situação fronteiriça dos chicanos, divididos entre mais de uma cultura e não pertencentes a nenhuma delas.

446

García Argüelles (2010) pontua que as personagens femininas são representadas nas obras das escritoras chicanas nos diferentes espaços sociais em que são marginalizadas; não só o espaço familiar e doméstico, mas o de sua comunidade ao redor. Esses espaços propiciam a criação de suas estratégias de resistência: “a narrativa feminina recria a mulher chicana como um todo, e não somente como um ser dividido entre dois idiomas e duas culturas” (GARCÍA ARGÜELLES, 2010, p. 42).¹² Na visão da autora, a escrita representa um ato de libertação e liberação das escritoras, o qual “[...] lhes permite definirem a si mesmas como

¹¹ No original: “You live right here, 4006 Mango, Alicia says and points to the house I am ashamed of. No, this isn’t my house I say and shake my head as shaking could undo the year I’ve lived here. I don’t belong. I don’t ever want to come from here. You have a home, Alicia, and one day you’ll go there, to a town you remember, but me I never had a house, not even a photograph...only one I dream of”.

¹² No original: “la narrativa femenina recria a la mujer chicana como um todo, y no sólo como um ser escindido por dos idiomas y dos culturas”.

indivíduos e como parte de um grupo [...]” (GARCÍA ARGÜELLES, 2010,p. 42)¹³, uma vez que desempenham em suas narrativas o papel de sujeito e testemunho, sendo até mesmo consideradas etnógrafas por alguns autores.

O que faz a construção identitária de Esperanza se distinguir das demais personagens na história é o fato de não se resignar com a situação do seu povo, anunciar claramente, por meio da escrita, sua luta pela “própria casa” e pela história desse povo. No que concerne à possibilidade de empoderamento pelo ato da escrita, Hall (1997) postula que a linguagem opera como um sistema de representação e que os signos e símbolos são usados por nós para nos posicionar ou para representar para outras pessoas conceitos, ideias e sentimentos. Dessa forma, para a protagonista, o sentimento de pertencimento só poderá se tornar possível, se ela partir da rua Mango e de qualquer morada que até então chegou a habitar, em busca de uma casa toda sua, ou seja, da tessitura de suas histórias e de seus livros, por meio dos quais há a possibilidade de subverter e ganhar voz nesse lugar fronteiriço que ela e seu povo mexicano-americano ocupam, a fim de falar e batalhar por eles: “ Eles não saberão que eu fui embora para retornar para os que eu deixei para trás. Para aqueles que não podem partir” (CISNEROS, 1991, p. 110).

Como considerações finais, ponderamos que o que tanto Esperanza quanto os outros sujeitos femininos da narrativa buscam, como seres fronteiriços, é um “lugar (não somente físico) de liberação e libertação identitária; um lugar de fala, que propicie a autoafirmação e o sentimento de pertencimento dessas subjetividades. O que depreendemos também é que esse “lugar” é traduzido de diferentes formas pelas mulheres da narrativa; algumas personagens acreditam que se livrarão da opressão social se retornarem à sua terra natal e aos seus costumes de origem, outras almejam uma melhor condição de vida

¹³ No original: “[...] les permite definir-se a sí mismas como individuos y como parte de un grupo [...]”.

dentro do próprio território estadunidense e outras ainda, como Esperanza, vislumbram partir para uma outra “casa”, ou seja, um outro espaço em que haja a possibilidade de escreverem, obterem voz e suas identidades múltiplas, pertencentes a diferentes sistemas culturais, serem verdadeiramente reconhecidas. Podemos afirmar, então, que o ato da escrita seria um dos caminhos viáveis para o ganho desse “lugar de fala”, uma vez que desempenha um papel fundamental, possibilitando a essas mulheres se tornarem, ao mesmo tempo, testemunhas e sujeitos de suas próprias histórias e promovendo, assim, o conhecimento e o reconhecimento de sua cultura chicana.

Referências

ACUÑA, R. F. *Occupied America: A History of Chicanos*. New York: Harper Collins Publishers, 1988.

ANDERSON, B. R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

ANZALDÚA, G. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1999.

BELLEI, S. L. P. Nação, Disseminação e Viagens Antropofágicas. *Travessia: Revista de Literatura*, Florianópolis, n. 37, p. 45-57, jul-dez 1998.

BHABHA, H. K. *O Local da Cultura*. Trad. Miriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOYCE-DAVIES, C.B. *Black Women, Writing and Identity: Migrations of the subject*. New York & London: Routledge, 1994.

CISNEROS, S. *The House on Mango Street*. New York: Vintage, 1991.

GARCÍA ARGÜELLES, E. L. Visión Feminista de las escritoras chicanas, una propuesta literaria a partir de la diferencia. In:_____. *Mujeres que cruzan fronteras: um estúdio sobre literatura chicana feminina*. Zacatecas: Universidade Autônoma de Zacatecas, 2010. p. 19-43.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2001.

HALL, S. Representation, meaning and language. In: _____. (Ed.). *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: The Open University, 1997.

HANCIAU, N. Entre lugar. *Conceitos de literatura e Cultura*. Eurídice Figueiredo (Org.). Juiz de Fora: UFJF, 2005. p. 25-141.

MCDOWELL, L. *Gender, Identity and Place: Understanding Feminist Geographies*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

OLIVEIRA, M. L. L. de. *Corpos e Memórias de mulheres em trânsito: Caramelo, de Sandra Cisneros, e En el nombre de Salomé, de Julia Alvarez*. Tese (Doutorado em Estudos Culturais e de Gênero) - Pós-graduação em Estudos Culturais e de Gênero, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

PRATT, M. L. A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco. In: *Revista Travessia*, Florianópolis, UFSC, n.38, p. 7-29, jan-jun.1993.

TORRES, S. *Nosotros in USA*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.